

1998: primeiros movimentos

LUIZ GARCIA

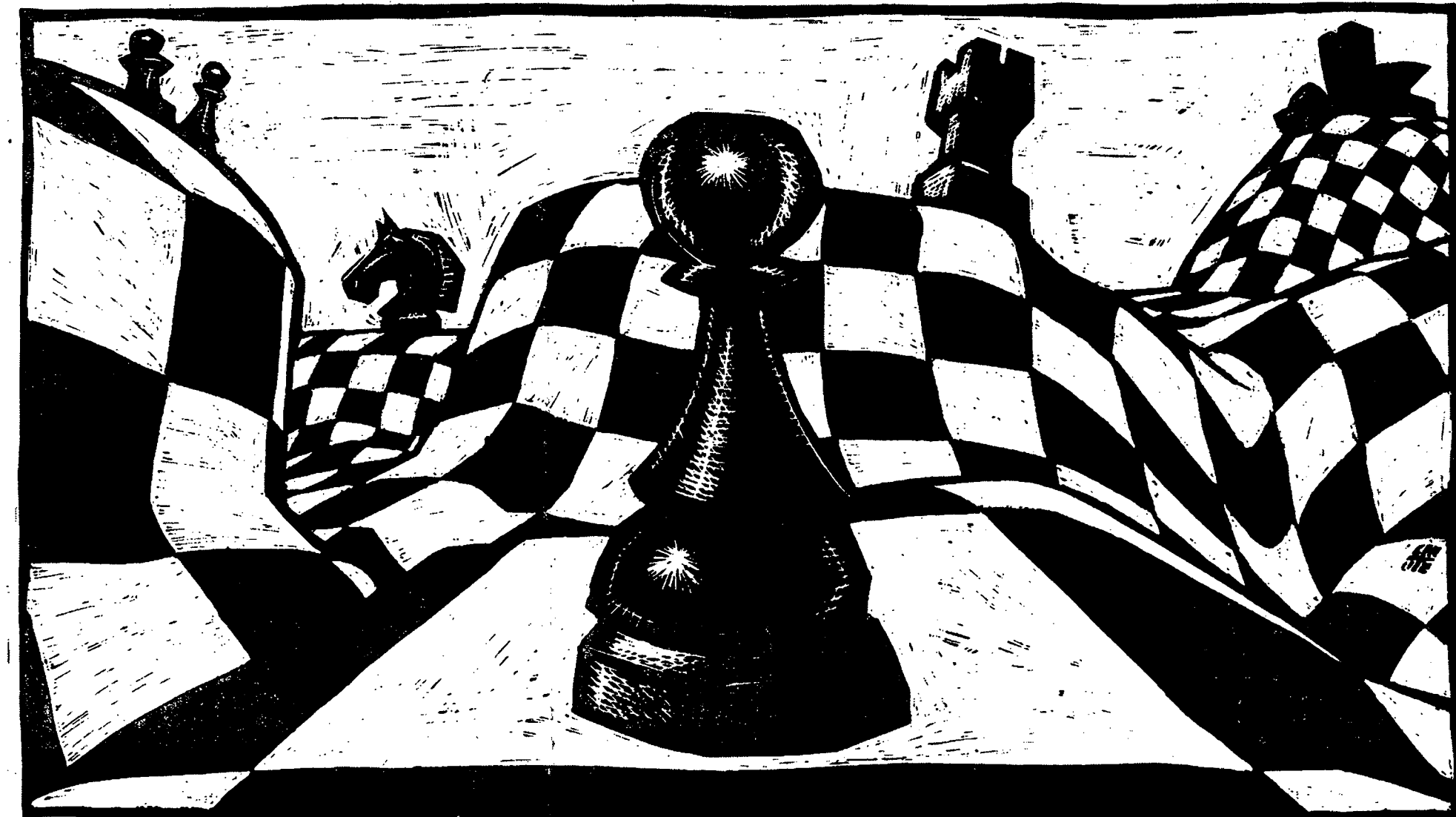
N o momento em que uma pesquisa paga pela Petrobras mostra que a opinião pública está a favor da reeleição de Fernando Henrique Cardoso, qualquer pessoa de bom senso deve se render ao inevitável: é preciso mesmo privatizar a Petrobras.

Não há explicação razoável, nem desculpa, para a empresa gastar o meu dinheiro para saber quem ameaça ou deixa de ameaçar o sonho da reeleição. Ou existe lá algum departamento de prospecção em águas turvas?

Admitindo-se que a pesquisa Petrobras-Ibope esteja mais próxima da verdade do que os números do Datafolha (e, a bem da verdade, estes, que cobrem o eleitorado de capitais, também são excepcionais para um governo na tradicional fossa negra da metade do mandato), é bom lembrar que a popularidade apenas aos tolos recomenda arrogância. Aos inteligentes, ela sugere moderação e humildade. Que poderiam ser demonstradas, por exemplo, com um pedido de desculpas ao contribuinte por tê-lo feito morrer numa conta do Ibope que deveria ter sido apresentada no guichê do PSDB. É necessário admitir que o episódio não corresponde ao estilo do Governo Fernando Henrique. Em geral, ele tem respeitado a diferença entre os interesses do país e os desejos de quem está no Governo. Por outro lado, a segunda metade do mandato, com a sucessão chegando perto, é um tempo repleto de tentações. Que, a propósito, não são muito diferentes com e sem reeleição. Nisso os políticos brasileiros costumam ser imparciais: para fazer o sucessor, cometem os mesmos abusos a que recorreriam numa reeleição.

Num cenário otimista, pode acontecer de Fernando Henrique flutuar tranquilamente em direção a um segundo mandato na canoa do Plano Real. De certo precisará, no ano que vem, içar as velas de um crescimento decente da economia.

Mas é provável que continue a contar com o motor de popa representado pela pouco sutil oposição de Itamar Franco, que a isso se dedica enquanto redefine, perante atônitos círculos diplomáticos, o conceito de *ambassador at large*.



Ninguém, realmente, está fazendo mais e melhor para garantir a reeleição do atual presidente do que o antecessor, com as ambições expostas no que diz e deixa dizerem por ele. Existirá, de fato, proposta mais resistível do que a da volta de Itamar para salvar o plano econômico que, num momento de descuido, ele teria entregue a Fernando Henrique?

Pois é exatamente esse o recado que Itamar e seu *brain trust* na UNE estão dando ao país, com juvenil entusiasmo.

Confiam demais na memória curta do eleitor. Se é preciso lembrar: dos três ministros da Fazenda antes de Fernando Henrique, nenhum passou mais de três meses no cargo. Gustavo Krause e Paulo

Haddad entraram pasmos e saíram perplexos, enquanto Eliseu Resende saiu porque não ficava bem. O Plano Real não foi, claro, concebido por Fernando Henrique. Ele apenas foi a primeira pessoa no Governo a compreendê-lo e a ter a competência política de levá-lo adiante. Será isso papel de coadjuvante?

De seu lado, Itamar mostra hoje — como está claro na nota conjunta com Paes de Andrade e José Sarney — que nunca percebeu do que se tratava. Até hoje desconhece a relação entre o plano e um vigoroso programa de reforma do Estado (ou não estaria contra a privatização da Vale), assim como ignora as razões do desemprego e as formas de combatê-lo.

Pode parecer exagero, mas até fica a impressão de que ele sabe menos sobre a principal realização de seu governo do que muitos integrantes do Governo Sarney sabiam sobre o Plano Cruzado (particularmente no trágico segundo semestre pré-eleitoral de 1986).

A seu favor, Itamar sempre teve a reputação de íntegro. Durante sua gestão, ele foi um administrador pessoalmente honesto — expressão usada para não confundir os ingênuos dos desonestos que o cercam.

De qualquer forma, nesse terreno hoje as coisas estão empatadas: receber alto salário como embaixador sem sair de casa revela desprezo pelo interesse públi-

co igual ao de mandar a Petrobras contar intenções de voto. Fernando Henrique ficará em vantagem se o Governo parar de encomendar pesquisas eleitorais às estatais e Itamar continuar a se comportar como se o cargo de embaixador não fosse serviço e sim desculpa para boa vida paga pela pátria agradecida.

É certo que Itamar Franco não é o único obstáculo às ambições de Fernando Henrique; nem, provavelmente, será o maior. Mas é o primeiro. Suas escaramuças com o Planalto são os primeiros movimentos do longo ano eleitoral de 1998.